REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA
VOLUME 19, NÚMERO 59, 2022 PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.
CÓDIGO DOI DA PUBLICAÇÃO

E se a escola desaparecesse amanhã?

What if the school disappeared tomorrow?

¿Y si la escuela desapareciera mañana?

Suzana Feldens Schwertner
Univates
E-mail: suzifs@univates.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2913-9191

Bianca Isabel Pederiva
Univates
E-mail: bianca.pederiva@universo.univates.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4439-6249

Morgana Domênica Hattge
Univates
E-mail: mdhattge@univates.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4716-0410

RESUMO

E se a escola desaparecesse amanhã? Tal questionamento mobiliza o presente escrito, que parte das discussões de um exercício de pensamento baseado na pergunta sobre o fim da escola. Ainda antes que a pandemia nos encontrasse, estudantes, professores e pesquisadores contribuíram para pensar, em 2019, acerca da extinção da instituição escolar em uma exposição artística promovida pelo grupo de pesquisa CEM/CNPq/Univates. Por meio dos estudos de Masschelein e Simons (2018) e Larrosa (2018), as autoras questionam as funções da escola e se põem a pensar sobre sua forma, analisando as respostas dos 27 contribuintes do exercício proposto. Os resultados indicam que, ao pensar na dimensão espacial, a escola desapareceu, porém ela passa a organizar-se em locais distintos, fazendo-se presente por meio de outros desafios. Inventar uma outra escola é possível, desde que não deixemos de enfatizar sua importância como espaço de encontros, de invenções e de possibilidades.

Palavras-chave: Instituição escolar. Função. Forma. Pandemia.

ABSTRACT

What if the school disappeared tomorrow? This question mobilizes the present writing, which starts from the discussions of a thinking exercise that questions about the end of school. Even before the pandemic found us, students, teachers and researchers contributed to the thinking, in 2019, about the extinction of the school institution, in an artistic exhibition promoted by the CEM/CNPq/Univates research group. Through the studies by Masschelein and Simons (2018)

and Larrosa (2018), the authors question the functions of the school and begin to think about its form, analyzing the responses of the 27 participants. Results indicate that, when thinking about the spatial dimension, the school has disappeared, but it starts to organize itself in different places, making itself present through other challenges. Inventing another school is possible, as long as we do not fail to emphasize its importance as a space for meetings, inventions and possibilities.

Keywords: *School institution. Shape. Function. Pandemic.*

RESUMEN

¿Y si la escuela desapareciera mañana? Esta pregunta lleva al presente artículo, que parte de la discusión de un ejercicio de pensamiento que se cuestiona sobre el fin de la escuela. Incluso antes de que la pandemia nos encontrara, estudiantes, profesores e investigadores ayudaron a pensar, en 2019, sobre la extinción de la escuela en una exposición artística promovida por el grupo de investigación XXX. A través de los estudios de Masschelein y Simons (2018) y Larrosa (2018), las autoras se cuestionan sobre las funciones de la escuela y piensan sobre su forma, analizando las respuestas de los 27 contribuyentes del ejercicio propuesto. Los resultados indican que al pensar en la dimensión espacial, la escuela desapareció, pero ella pasa a organizarse en sitios distintos, haciéndose presente por medio de otros desafíos. Imaginar otra escuela es posible, desde que no dejemos de enfatizar en su importancia como espacio de encuentros, invenciones y posibilidades.

Palabras clave: *Institución escolar. Función. Forma. Pandemia.*

Uma pergunta que não quer calar...

E se a escola desaparecesse amanhã? O que você faria? Este foi um desafio lançado no projeto "Objetos de Pensar", desenvolvido pelo Grupo Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates) em 2019. O projeto resultou na exposição "Objetos de Pensar", realizada de outubro a dezembro de 2019, no Centro Cultural SESC, na cidade de Lajeado/RS.

A exposição foi composta por mais de quarenta Objetos de Pensar, assim intitulados, porque foram propostos por estudantes e pesquisadores de diferentes universidades por meio de exercícios, questionamentos, procedimentos artísticos de experimentação e atividades que inquietassem o pensamento acerca do ensino e da docência. Os Objetos perpassaram diferentes criações, como, por exemplo: pensar a diferença por meio de imagens da natureza, problematizar uma sala de aula fora dos clichês a partir de desenhos, pintar a docência em tela, contar o tempo sem cronologia, brincar de roleta com o pensamento e captar o invisível.

Esse texto, em especial, vai tratar de um Objeto de Pensar específico (uma quase instalação), elaborado por uma das autoras do escrito. Intitulado como "E se... a escola desaparecesse amanhã?" (Figura 1), as condições de elaboração do exercício proposto partiram de leituras e estudos realizados pela autora sobre a temática da morte, à qual a professora se dedica há mais de dez anos, junto a sua atividade de docente do curso de Psicologia.

E se... a escola desaparecesse amanhã?

MATERIAL: folha de papel (tiras)
CARTAZ (cartolina branca) COM A SEGUINTE INSCRIÇÃO (em letras de caixa alta – fonte 72):

E SE A ESCOLA DESAPARECESSE AMANHÃ?
O QUE VOCÊ FARIA?

A orientação é que as pessoas respondam a esta pergunta escrevendo nas tiras de papel. Que não escrevam seus nomes, apenas a(s) resposta(s) à pergunta. E que adicionem as tiras de papel em uma caixa apropriada para tal.

O objetivo é produzir uma reflexão sobre o fim da escola (estrutura, forma, organização, funções das pessoas que ali circulam e trabalham), se ela desaparecesse, literalmente, amanhã – como se fosse engolida pela terra, tragada por um redemoinho.

O que se faria sem a escola?

Figura 1 – Objeto de Pensar "E se a escola desaparecesse amanhã?"
Fonte: <https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/316/pdf_316.pdf>

Ao deparar-se com a leitura do livro "A ridícula ideia de nunca mais te ver", da autora espanhola Rosa Montero (2019), em meio às investigações do Grupo CEM, ao pensar sobre modos de subjetivação em práticas artísticas e educativas, uma possibilidade de pergunta surgiu: como seria se, de um dia para o outro, não estivéssemos mais na escola, se ela acabasse amanhã? As provocações da escritora nos tomam inteiramente, quando nos indagam:

> Você nunca brincou, na infância, de tentar imaginar a eternidade? O infinito que se desenrola à sua frente como uma vertiginosa e

> interminável fita azul? A primeira coisa que te derruba no luto: a incapacidade de pensar nele e admiti-lo. A ideia simplesmente não entra na sua cabeça. Como é possível que *não esteja mais*? Aquela pessoa que ocupava tanto espaço no mundo, onde foi que se meteu? O cérebro não consegue entender que tenha desaparecido para sempre. E que diabos é *sempre*? É um conceito anti-humano. Quero dizer, que foge à nossa possibilidade de entendimento. Como assim, não vou vê-lo nunca mais? Nem hoje, nem amanhã, nem depois, nem daqui a um ano? É uma realidade inconcebível que a mente rejeita: não vê-lo nunca mais é uma piada sem graça, uma ideia ridícula (MONTERO, 2019, p. 23, grifos da autora).

Montero (2019) inicia o livro com o relato da perda de seu companheiro de vida e a dificuldade de imaginar-se sem ele, de não vê-lo nunca mais. E, na sequência, passa a apresentar o luto de Marie Curie, pessoa a quem admirava e que também havia perdido seu marido de forma súbita, num acidente brutal. O escrito passa a unir e a separar as duas mulheres, mas o tema do luto e da morte está incessantemente presente, levando a leitora a circular entre a vida e a morte; não como polos opostos e distintos, mas como elementos de um mesmo processo.

Com base nessa ideia de pensar a vida sempre tão presente no espaço da escola, um lugar aonde cotidianamente crianças, adolescentes, professores e gestores e tantos outros funcionários se dirigem, que sua morte foi pensada: e se a escola desaparecesse mesmo amanhã? O que cada um de nós faria? Ainda, seguindo os ensaios de Montero (2019), os inícios e os finais propõem uma brecha no tempo, uma pausa para "espiar pela fresta da verdade":

> Apenas em nascimentos e mortes é que saímos do tempo. A Terra detém sua rotação e as trivialidades com que desperdiçamos as horas caem no chão feito purpurina. Quando uma criança nasce ou uma pessoa morre, o presente se parte ao meio e nos permite espiar durante um instante pela fresta da verdade – monumental, ardente e impassível (MONTERO, 2019, p. 9).

Por mais que a escola não seja uma criança ou uma pessoa, a proposta de refletir sobre sua morte chamou a atenção da autora do Objeto – talvez, pensar sobre o desaparecimento da escola possa ajudar a contemplar sua potência e força de vida. Ainda que elaborado por uma pesquisadora, o Objeto, para se constituir foco deste artigo, precisou contar com a participação de diversas pessoas: foi por meio da escrita do público participante da exposição que o Objeto "criou vida". Por meio da interação e do convite a pensar sobre o que cada um faria se a escola desaparecesse amanhã, as respostas foram

sendo indicadas, a cada dia, pelas pessoas que passavam pelo objeto e que se sentiam convidadas a contribuir pela escrita (Figura 2).



Figura 2 – Fotografia da Exposição
Fonte: elaboração própria.

Na seção seguinte analisaremos a interação dos 27 participantes da exposição com o exercício proposto, buscando compreender de que forma essa possibilidade de desaparecimento da escola foi recebida e significada. Vale ressaltar que como se trata de um trabalho realizado numa exposição, aberta ao público em geral, e as contribuições foram espontâneas e em caráter de não identificação (todos que contribuíram com suas respostas o fizeram anonimamente, essa era uma das condições da participação), entendemos que esse escrito está em consonância com os preceitos éticos apontados no documento Ética e Pesquisa em Educação: subsídios (2019), mais especificamente, na produção conjunta de Mainardes e Carvalho (2019), que atenta para a autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos.

Pensando sobre o inimaginável: o desaparecimento da escola

Passamos, então, a analisar mais detalhadamente o Objeto. Na entrada/saída da exposição, um grande cartaz de fundo branco com letras garrafais em preto, indagava aos que ali passavam: E SE A ESCOLA DESAPARECESSE AMANHÃ? Uma segunda frase, abaixo desta, na mesma escala, seguia inquirindo: O QUE VOCÊ FARIA? Longe de ser uma profecia (jamais se imaginava a pandemia de coronavírus que enfrentaríamos a partir de março de 2020 no mundo), a pergunta buscava inquietar, mobilizar e provocar reação. Alguns estudantes e professores, além de outras pessoas da comunidade que visitaram a exposição, deixaram no mural[1], por meio de escritas em pequenas notas adesivas, seus registros como respostas.

Alívios, assombros, preocupações, tristezas, alegrias e até mesmo possibilidades de outras criações foram indicadas, levantando ideias que hoje, passado mais de um ano do início da pandemia, talvez pudessem nos inquietar, ainda mais pelo fato de viver, efetivamente, como se a escola tivesse desaparecido (pelo menos da forma como a conhecíamos até aquele momento). Embora a educação, na maior parte das redes de ensino, não tenha parado na pandemia, outros arranjos se fizeram necessários. Defendemos a ideia de que nenhum desses arranjos pode ser considerado efetivamente uma escola. Nesse sentido, somos levadas a pensar que a escola efetivamente desapareceu.

Para que possamos conversar a partir de tal perspectiva, apostamos nos estudos de Jorge Larrosa (2017; 2018) e de Jan Masschelein e Maarten Simons (2018), que têm questionado a escola como função e investido na proposta de pensar a escola como forma – essa que eleva a escola, enquanto aquela a subordina (LARROSA, 2018).

Perceber a escola como função é, para Larrosa (2018), um modo naturalizado de conceber a finalidade do espaço. Quando questionamos para que serve a escola, ou para que ela deveria servir, é quase instantâneo o aparecimento de respostas que a demarcam como um lugar destinado a atender tanto demandas sociais (a partir do desejo de determinadas transformações políticas, econômicas e culturais), como individuais (a partir do desejo de determinadas transformações pessoais). Assim, quando se pensa a escola como um ambiente que "deve servir", que "deve atender demandas" e que "deve produzir certas

[1]Ainda que nas instruções originais a proposta era escrever as respostas em tiras de papel e armazenar em uma caixa, a indicação para a exposição envolveu a escrita das respostas em pequenos papéis com adesivos, que ficaram fixados em um suporte no caminho que levava à entrada da exposição, conforme apresentado na Figura 2.

transformações", é como se estivéssemos procurando razões para sua existência. O problema com tal perspectiva é que, usualmente, essas motivações são provenientes de reivindicações exteriores ao próprio espaço, as quais passam a ser decididas unicamente por tais demandas sociais e individuais.

Masschelein e Simons (2018) também problematizam a escola como função a partir de algumas inquietações. Em escrita intitulada "O que é o escolar?", indicam a existência de variadas percepções do que a escola é e do que a escola faz: "[...] instituição de ensino inventada pela sociedade para introduzir as crianças (em) o mundo", "[...] tenta equipar as crianças com o conhecimento e a habilidade peculiar a uma ocupação, cultura ou sociedade" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 25), entre outras. Contudo, para os autores, essas são visões generalizadas, que tendem a representar a escola como função. Assim, a escola compreendida em seu aspecto funcional talvez seja aquela que aparece como um propósito para algo que se pretende alcançar – e que, portanto, encontra-se fora do próprio espaço, sendo "ditada" por instâncias como a sociedade, o mercado e a família.

Nesse sentido, Masschelein e Simons (2018) ponderam que talvez não devêssemos nos apropriar da história do espaço escolar a partir da perspectiva de modernização, ou seja, perceber o espaço pelas inúmeras tentativas de sua reforma, progresso ou atualização, mas, sim, olhar para a história da escola "[...] como uma história de repressão; uma série de estratégias e táticas para dispersá-la, reprimi-la, coagi-la, neutralizá-la ou controlá-la" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 106). Tal problemática indica que, na escola como função há sempre um ideal pré-determinado ou, então, sempre haverá uma tentativa de que a escola possa servir para algo. Em outras palavras, as demandas dizem respeito a terceiros, da sociedade, do mercado de trabalho e de consumo, da família, os quais transportam até o espaço escolar alguns de seus interesses. Conforme Larrosa (2018, p. 232), a escola não se define por sua função, mas, sim, se constitui como uma forma que separa: "Separa o espaço escolar de outros espaços sociais, separa o tempo escolar de outros tempos sociais e separa as ocupações escolares de outras atividades sociais".

Percebe-se, portanto, que a problemática decorrente da escola tomada como função trata das tentativas de sua dominação, tão expressivas, constantes e intensas, que tendem a privar os estudantes "[...] do tempo e do lugar para praticar e experimentar o tempo livre – nega-lhe o tempo escola – e a geração jovem é, subsequentemente, privada da oportunidade de realmente se tornar uma nova geração" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 106-107).

Por meio da noção de escola como função, conforme a discussão realizada, percebemos inúmeras contribuições dos participantes. Se a escola, tomada como função desaparecesse, lemos frases no estilo: "iria ficar sem atividade para fazer"; "seríamos pessoas sem futuro"; "procuraria feito louca outra escola para no futuro ser inteligente"; "acredito que se você quer ser alguém na vida, tem que estudar"; "ficaria desempregado". Ou seja, a falta da escola em seu modo função (que, como vimos até então, fala da escola como um espaço usualmente destinado ao serviço de uma esfera externa) refletiria prejuízos sobre um futuro (quase nunca um agora), sobre aquilo que não se fará mais adiante na vida (e não no momento presente): sem ela, conforme tais apontamentos, ficamos sem futuro.

Contudo, a "[...] escola é um lugar de possibilidade, não um lugar de futuro", provocam-nos os estudiosos López, Masschelein e Simons (2017, p. 187). Para esses autores, adentramos novamente na perspectiva da modernização do espaço escolar, quando concebemos suas possibilidades submetidas ao propósito de uma constituição de futuro. Assim, se repensarmos essa perspectiva, e ao mesmo tempo atribuirmos novos sentidos para o que são tais possibilidades, poderíamos reparar sua potencialidade para uma vida que está acontecendo no presente do indicativo, no aqui e no agora do espaço escolar. Conforme nos dizem os autores,

> Se a escola é um lugar de possibilidade, não é porque fornece aos estudantes ferramentas para uma vida vindoura, mas porque, em cada um de seus gestos, interrompe o sentido habitual do mundo e reapresenta esse mesmo mundo como um lugar de possibilidade, como algo ao mesmo tempo disponível e indeterminado (LÓPEZ; MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 187).

Torna-se relevante percebermos que os autores não questionam a ideia de que a escola fornece ferramentas necessárias para o futuro dos estudantes. O que fazem com tal afirmação é tomar distância da noção da constituição de um ambiente escolar que somente se configura a partir daquilo que futuramente dará conta. O que os autores fazem é destacar as possibilidades permitidas pelo escolar como acontecimentos que ocorrem no tempo presente, proporcionando aos estudantes que se relacionem com suas experiências, tornando-as atuais, imbricando-as de sentido.

Cada vez mais afastados da funcionalidade da escola, alguns respondentes indicaram outras possibilidades para o espaço que ficaria vazio após o desaparecimento da escola. Estes se lembrariam, aliviados e tristonhos ao mesmo tempo, que "iria dizer glória

adeus, mas ficaria triste porque perderia todos os meus amigos". "Glória adeus", que aqui nos remete a um sonoro "tchau" para "professores que gritam"; "porque eu não aguento mais aula"; e também porque "assim eu jogaria videogame para sempre". Mas não podemos deixar de ressaltar uma tristeza pela perda dos amigos que a escola apresenta – um dos elementos destacados pelos estudantes ao longo do ano de 2020, quando foram, efetivamente, afastados da escola.

Outros também evidenciam modificações interessantes que reverberariam a partir do sumiço da escola, enfatizando que "agradeceria se desaparecessem as escolas limitantes" e "criaria outra forma de aprendizado, já que essa é falida..."; ou então, indicando uma dificuldade a surgir – talvez mencionado por um estudante: "nós teríamos que ser os professores e aí estaríamos perdidos!".

Já a escola como forma nos aponta para a potência de um espaço entre parênteses, uma "cápsula temporal" (LARROSA, 2018). Atenta ao presente (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018), nos coloca a experimentar o pensamento, nos permite tempo (cria tempo, toma tempo, abre tempo) para errar e recomeçar, possibilita o estudo e aposta, sobretudo, no encontro entre estudantes e estudiosos (professores). Afinal, como lembra Kohan (2013), professor é aquele que estuda.

O que a escola como forma faz, a partir de tal perspectiva, é implicar algo que para Masschelein e Simons (2018) constitui uma suspensão. Quando a suspensão encontra espaço para existir, as demandas sociais e individuais, mesmo que ainda se façam presentes, já não se aplicam, ou seja, são temporariamente suspensas. Suspender, criar uma cápsula, constituir tempo livre, significa "[...] tornar algo inoperante, ou, em outras palavras, tirá-lo da produção, liberando-o, retirando-o de seu contexto normal" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 32) e criando, com ele, outras possibilidades.

Nesse sentido, pensar a escola como forma – e não como função – é acreditar na potência de um tempo livre para o estudante ler, escrever, estudar, exercitar-se e experimentar-se. Como complementa Larrosa (2018, p. 234): "[...] escola é um lugar e um tempo em que os seres humanos podem sair das ocupações que lhes foram dadas (pela sua condição, pela sua posição, por seu nascimento) e podem imaginar a possibilidade de ser qualquer coisa". A escola, vista assim, pode ser refúgio, acolhida, inspiração, transpiração, afeto, ira. Uma escola em que se pode vir a ser não passa despercebida.

Talvez essa possa ser a escola que, se desaparecesse amanhã, traria consigo invenções e possibilidades: "inventaria outra escola"; "vibraria e iria estudar"; "eu

começaria a ler e estudar"; "eu iria jogar e estudar"; "construiria outra escola com girafas de papelão, bem mais divertida"; "eu leria e faria exercícios e amigos nas praças". Como percebemos nesses excertos, os participantes indicam modos outros de se produzir uma escola, ampliando seus contornos, sugerindo diferentes possibilidades de ação, como o jogar – mas chama nossa atenção que o estudar e o fazer exercícios seguem compondo tais propostas de "se fazer escola". O espaço da praça, em especial, também merece ser mencionado.

Entre a esquina da praça e a gruta do deserto está um dos curiosos espaços em que Larrosa (2018) demarca o que seria uma escola que se configura em seu modo forma. Para tanto, inspira-se num conto de Adam Zagajewski, que descreve dois sábios que, atormentados com os conflitos do mundo (com a miséria, com a destruição e com o sofrimento) tomam duas decisões distintas. O primeiro, segue rumo ao deserto, optando pela solitária leitura dos clássicos e pelo desprezo do mundo. O segundo, caminha em direção à praça e escolhe convencer os demais acerca da necessidade de transformação do mundo.

A partir de tal discordância, Larrosa (2018) comenta que não se imagina destinando seus estudantes ao encontro de um ou de outro; mas, sim, percebe que eles deveriam passar um tempo com ambos, visto que a escola não se configura como um deserto, nem como uma praça. O primeiro sábio, dessa maneira, somente se convertia em professor quando deixasse de lado sua gruta "[...] para ler e meditar com outros"; já o segundo, quando deixasse de lado sua praça, "[...] para escrever e pensar com outros" (LARROSA, 2018, p. 228). A escola – como lugar de estudantes e estudiosos, como lugar de invenções e possibilidades – seria "[...] uma espécie de vaivém entre uma sala de aula cheia de livros instalada ao lado de uma gruta do deserto e outra sala cheia de cadernos instalada em esquina da praça" (LARROSA, 2018, p. 227-228).

E se, em vez de desaparecer, essa escola mudasse de lugar?

Como já dito anteriormente, no espaço-tempo de escrita do objeto de pensar, da exposição e da realização do exercício que ora analisamos, sequer imaginávamos o que estava por vir: mais de um ano de escolas fechadas, o que resultou na organização do ensino remoto em escolas de todo o país. As crianças e os jovens deixaram de frequentar as escolas, pois, em se tratando das possibilidades de transmissão do vírus SarsCov-2, causador da

COVID-19, que já havia ceifado, em abril de 2021, mais de 390.000 vidas em todo o Brasil, entendeu-se que a casa era o lugar mais seguro para todos.

Professores foram convocados a desenvolver atividades que antes não lhes cabiam: gravação de aulas, edição de vídeos, desenvolvimento de habilidades de comunicar-se, de ensinar, de avaliar, tendo a tela de um computador ou de um celular como interlocutor fisicamente presente, em vez dos olhinhos curiosos, das risadinhas marotas, das conversas paralelas dos estudantes na sala de aula. Sim, eles estão ali presentes graças às tecnologias digitais, mas ao mesmo tempo não estão, pois passam a silenciar a partir do imperativo: – "desliguem seus microfones". As famílias, por sua vez, passaram a assumir o lugar de ensinantes. Mães, pais, tias, avós foram convocados para serem o elo entre os professores e os estudantes, cabendo-lhes a explicação, o acompanhamento na realização das tarefas, a cobrança do trabalho bem feito. A "domicialização da escola", problematizada por Dussel (2020), parece ter instalado o processo de educar no espaço das casas, por meio das telas.

Assim, é impossível não relacionar o momento atual com a sugestão recebida de um dos participantes da exposição: "eu faria uma escola na minha casa para ninguém perder a chance de aprender". Para os mais desavisados, num primeiro momento, parece simples. A escola simplesmente mudaria de lugar. Certo? Entendemos que essa seja uma questão bem mais complexa. Na época, ao lermos a reflexão citada, a única referência que tínhamos com relação a essa possibilidade era o que conhecemos por ensino domiciliar *(Homeschooling)*, modalidade ainda não regulamentada no Brasil, mas vigente em 63 países, como África do Sul, Canadá, Finlândia e Rússia[2] (BARBOSA, 2016). Em tal modalidade, a família opta por não enviar os filhos à escola e se responsabiliza pela sua formação escolar, assumindo o ensino ou contratando um profissional que o faça.

Mas o que vivenciamos em meio à pandemia do novo coronavírus se afasta deste modelo já existente como uma alternativa à escola em alguns lugares e se constitui numa novidade radical em relação a tudo o que já havíamos vivenciado na história recente da educação (MORGADO; SOUZA; PACHECO, 2020; SANTOS, 2020). Conforme já sinalizamos acima, de repente, "E a casa se fez escola"[3]: mães, pais, avós, se viram em meio a plataformas

[2]No momento em que este texto está sendo finalizado a Câmara de Constituição e Justiça da Câmara aprova o PL 3262/2019 que institui o *homeschooling* no Brasil, modificando inclusive o texto da Constituição Federal para que pais e responsáveis não sejam penalizados por abandono escolar caso optem pela modalidade para a educação de seus filhos. Sobre o tema escrevem Picoli (2020), Vasconcelos; Boto (2020), Wendler; Flach (2020); Becker; Grando; Hattge (2020).
[3]Projeto que se encontra em desenvolvimento pelo grupo XXX.

digitais, organizando os espaços da casa para que uma aula via web tivesse lugar; em outros casos, as escolas organizaram dias específicos para a retirada de apostilas ou materiais por parte das famílias, uma vez que grande parte dos alunos não possui acesso à internet e/ou a tecnologias digitais móveis que possibilitem assistir às aulas *on-line*.

Num piscar de olhos não havia mais a chegada na escola, o encontro com os amigos, o momento da merenda, do recreio. Esse cenário nos remete mais uma vez à reflexão proposta: organizar uma "escola na casa para que ninguém perdesse a chance de aprender". Nesse sentido, podemos nos perguntar: aprender o quê? Aprender com quem? Que aprendizagens estão sendo privilegiadas neste momento? E de quais aprendizagens as crianças e jovens estão sendo privados nesse modelo de ensino remoto? É difícil responder a essas perguntas, considerando a grande diversidade de formatos, de propostas, de possibilidades que se colocam para cada instituição de ensino, para cada família, para cada criança e jovem. Mas é uma reflexão que entendemos ser necessária. Não podemos nos furtar a ela.

E se a escola... apontamentos finais

Realizamos, neste ensaio, um exercício do pensamento, que convidou o público leitor a imaginar a vida sem a escola, indagando seu desaparecimento. À época da proposta (outubro a dezembro de 2019), não se visualizava ainda o que estava por acontecer naquele mês de dezembro e que se tornaria uma pandemia mundial em março de 2020, fechando escolas e afastando professores e estudantes do encontro presencial imprescindível para fazer ensino.

Naquele momento, muitos participantes indicaram em suas respostas o que fariam "se a escola desaparecesse amanhã". Alguns reforçaram a ideia da sua função como garantia de futuro, preparando para um tempo do porvir e, por isso, se ela sumisse isso seria um indicativo de desemprego, de abandono e de falta de futuro. Outros elogiaram a possibilidade da extinção de escolas limitantes, apontando a necessidade de outros movimentos para ensinar e aprender. Questionando tal instituição em sua função e ampliando propostas para reivindicar sua forma, outros responderam que a escola como forma poderia seguir "com girafas de papelão", mais colorida, nas ruas e nas praças, implicando um tempo de suspensão para estudar e de encontro com os amigos.

A escola desapareceu? Se pensarmos na escola em sua dimensão espacial talvez possamos dizer que sim, de certa forma, ela desapareceu; ou, pelo menos, essa foi a impressão de milhares de crianças e jovens, quando foram obrigados a interromper as atividades escolares presenciais.

Contudo, essa escola, que não se apresenta mais naquele espaço conhecido de professores e estudantes, passa a organizar-se em locais distintos: na sala de casa, no quarto, na varanda, em cima da árvore[4]. De outras formas, a escola se faz presente e outros desafios se colocam para professores, estudantes e famílias.

Para finalizar este texto, remetemo-nos a dois dos bilhetes escritos que permanecem em nossa discussão, e talvez foram eles que nos guiaram nas inquietações que temos produzido nestes tempos tão sombrios, uma vez que ambos foram os únicos finalizados com um ponto de interrogação. Respondendo à pergunta "E se a escola desaparecesse amanhã? O que você faria?" indicamos duas respostas-questionamento: "Não sei?"; "Mas, e se os professores desaparecessem amanhã?". Isso já seria uma alavanca para novos trabalhos... ou não?

Referências

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. Homeschooling no Brasil: ampliação do direito à educação ou via de privatização? **Educação e Sociedade**, v. 37, n. 134, p. 153-168, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302016000100153&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jun. 2021.

BECKER, Caroline; GRANDO, Katlen Bohm; HATTGE, Morgana Domênica. Educação domiciliar, diferença e construção do conhecimento: contribuições para o debate. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14812. Acesso em: 17 jun. 2021.

BRITO, Geovane. Estudante adapta 'sala' em cima de árvore para acompanhar aulas remotas, no PA: 'construindo um sonho'. **G1 Santarém**, 14 de mar. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml. Acesso em: 24 jun. 2021.

[4]Inevitável a referência a essa situação amplamente divulgada na mídia: a família adapta "uma sala de aula" em cima de uma árvore, considerando que esse seria o local em que é possível captar o melhor sinal de internet para acompanhamento das aulas remotas (BRITO, 2021). Ressalta-se a forma romantizada como os meios de comunicação apresentam o fato, desconsiderando a desigualdade social que origina a atitude da família em questão.

DUSSEL, Inés. La escuela en la pandemia. Reflexiones sobre lo escolar en tiempos dislocados. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-16, 2020. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16482/209209213513. Acesso em: 7 jul. 2021.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor** - Relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 143 p.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 318 p.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. 523 p.

MAINARDES, Jefferson; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em educação. In Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Ética e pesquisa em educação**: subsídios. Rio de janeiro: ANPEd, 2019. p. 205-211.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. 174 p.

MORGADO, José Carlos; SOUZA, Joana; PACHECO, José Augusto. Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-10, 2020. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16197/209209213385. Acesso em: 06 jul. 2021.

MONTERO, Rosa. **A ridícula ideia de nunca mais te ver**. São Paulo: Todavia, 2019. 205 p.

MUNHOZ, Angélica Vier et al. **Objetos de pensar**: exercícios para a docência. Lajeado: Editora Univates, 2020. 121 p. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/316/pdf_316.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

PICOLI, Bruno Antonio. Homeschooling e os irrenunciáveis perigos da educação: reflexões sobre as possibilidades de educação sem escola no mundo plural a partir de Arendt, Biesta e Savater. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14535/209209212853. Acesso em: 17 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. 32p.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; BOTO, Carlota. A educação domiciliar como alternativa a ser interrogada: problema e propostas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14654/209209212686. Acesso em: 17 jun. 2021.

WENDLER, Juliane Moraes; FLACH, Simone de Fátima. Reflexões sobre a proposta de Educação Domiciliar no Brasil: o Projeto de Lei Nº 2401/2019. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14881/20920921293 9. Acesso em: 17 jun. 2021.

Revisores de línguas e ABNT/APA: Marlene Isabela Bruxel Spohr (revisão); Tainá Duraisky (formatação ABNT)

Submetido em 16/07/2021 **Aprovado em 20/09/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)